

Casa de Fiuza abriga QG do Centrão

Da Sucursal de Brasília

Luiz Novaes

No apartamento funcional do deputado federal Ricardo Fiuza (PFL-PE), na Asa Norte de Brasília, funciona há dois meses o "quartel-general" do Centrão, um



dos grupos suprapartidários do Congresso constituinte. É lá que seus líderes se reúnem diariamente em meio a um acervo de fichas, recortes de jornal e livros, que levaram seus pares a considerar Fiuza uma espécie de "ideólogo" do movimento.

Modestamente, Fiuza declina do título, dizendo apenas que "alguém tem que carregar o piano". Uma frase típica do Centrão, que pode ser ouvida na boca de pelo menos quatro de seus líderes e retrata bem a convivência nem sempre fácil dentro de um movimento que se autopromove sem lideranças. Mas o fato é que o apartamento de Fiuza é o local das reuniões do comando do Centrão há várias semanas.

Ontem, por exemplo, estiveram lá, de manhã, os deputados Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), José Lourenço (PFL-BA) e Daso Coimbra (PMDB-RJ), todos da cúpula do movimento. Na hora do almoço, em torno da mesa da sala estavam discutindo emendas os deputados Bonifácio Andrada (PDS-MG), Fausto Rocha (PFL-SP), Luís Roberto Ponte (PMDB-RS), José Lins (PFL-CE) e alguns assessores de Fiuza.

Uma das salas, com televisão e videocassete, é o local das reuniões políticas. Um dos quartos abriga o serviço de informações de Fiuza. São milhares de fichas —seiscentas mil,



O deputado Ricardo Fiuza (PFL) em sua casa, que é 'quartel-general' do Centrão

segundo ele— e dezenas de pastas com recortes de jornal, coletados ao longo dos dezessete anos de vida parlamentar desse advogado, professor universitário, industrial e pecuarista, nascido há 48 anos no Ceará.

Nas fichas, guardadas em caixas de madeira, conforme o tema, há de tudo: anotações sobre reforma partidária, Igreja, marxismo, partidos de esquerda, ideologias etc. Nas pastas, recortes de revistas técnicas, artigos sobre política e economia e publicações oficiais do Congresso.

Noutro quarto, está a biblioteca, onde Fiuza guarda cerca de dois mil livros de direito, teoria política, economia e sociologia e pelo menos três máquinas de escrever. "Este é o aparelho do Centrão", disse ironicamente esse político que se declara de centro, mas se considera de direita e fica indignado com a carga tão pejorativa que esta palavra adquiriu no vocabulário político brasileiro.

Para Fiuza, a direita à qual pertence é aquela que, nos EUA, Inglaterra ou Itália, comanda a

Em cima da hora

★ Reunida ontem à noite, a Mesa do Congresso constituinte decidiu requisitar 50 soldados da PM do DF para reforçar a segurança na votação de hoje.

★ Na reunião, presidida por Ulysses Guimarães, foram analisadas 128 emendas ao projeto de novo regimento (que deve ser votado hoje), mas que não alteram a substância do projeto. A questão mais polêmica, relativa às preferências nas votações, não foi alterada.

política. Ontem ele lançou um desafio: "Nossas emendas serão mais liberais que a desses pseudoliberais da esquerda, que pregam um sistema arcaico, que defendem liberdade sindical mas sabem que na Polônia Lech Walesa (líder do proserito sindicato "Solidariedade") é esmagado, que defendem liberdade partidária mas sabem que nos países comunistas há o partido único, que pregam rotatividade no poder mas sabem que Fidel Castro está há anos no poder em Cuba". As emendas do Centrão serão divulgadas hoje.

Grupo tem núcleo na Assembléia paulista

Da Reportagem Local

Um grupo de 36 deputados estaduais paulistas subscreveu em sigilo um compromisso destinado a criar uma versão local do "Centrão" e com isso impedir que a Assembléia Legislativa dê uma orientação progressista à Constituição que elaborará no ano que vem. O acordo foi selado na noite da última quinta-feira, no gabinete do líder do PFL, Nabi Abid Chedid, e teve como articuladores os líderes de todas as bancadas estaduais, excetuadas as do PT e do PMDB.

A exclusão, por enquanto, dos peemedebistas não é a única diferença que separa o "Centrão" paulista de seu original federal. Incluindo os treze deputados do PTB, os dez do PFL e os dez outros do PDS, e ainda um do PL e dois dos três do PDT, o

grupo parlamentar tampouco dispõe do controle numérico do plenário, que totaliza 84 cadeiras. Apesar disso, eles têm o mesmíssimo peso do PMDB, e transformaram-se em fiel da balança das decisões parlamentares porque, para enfrentá-los, o governo do Estado precisaria se aliar à bancada petista, segundo um roteiro que não está nem em seus interesses, nem suas prioridades.

O "Centrão", segundo a Folha apurou, pretende fazer sua estréia antes mesmo que a Assembléia Legislativa se transforme em Constituinte estadual. Os líderes dos partidos que o compõem aguardam a sessão extraordinária a ser convocada na segunda quinzena de janeiro, reservada à votação da mensagem do Executivo com o aumento do funcionalismo. Mesmo sem qualquer

composição explícita com os petistas, esse bloco suprapartidário acredita poder somar forças para obter índices mais elevados de reajustes.

A única grande incógnita está no comportamento dos deputados do PFL, em princípio integrantes da coligação quercista. Mas o simples fato de todos terem assinado o documento-compromisso do "Centrão" paulista revela a intenção de, em lugar de apêndice na máquina administrativa, participarem da coligação que assumiria o controle da Assembléia.

As negociações que permitiram o surgimento do bloco foram estimuladas há dois meses quando, numa primeira demonstração de força, o grupo reuniu 43 votos para sustar os processos judiciais contra o deputado Afanasio Jazadji (PDS). Os contatos

multilaterais entraram a seguir em banho-maria, porque ao menos dois de seus protagonistas, um do PTB e outro do PFL, procuraram saber até que ponto cindiriam o PMDB, onde encontraram dois interessados: Luís Carlos Santos e Jurandy Paixão.

A Folha apurou, entretanto, que o primeiro não conseguiu demonstrar força em sua bancada para firmar-se como eventual presidente da Constituinte estadual, e o segundo perdeu espaço para o deputado Arnaldo Jardim na articulação do chamado "grupo dos novos", de parlamentares em primeiro mandato.

Sem o PMDB, o grupo multipartidário decidiu formalizar o compromisso tão logo, na semana passada, em Brasília, a maioria dos constituintes colocou a esquerda em minoria. (João Batista Natali)